

## O universo e a abrangência do *teatro aplicado*.<sup>1</sup>

Marina Henriques Coutinho

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Professora do Dep. de Ensino do Teatro.

Doutora em Artes Cênicas (UNIRIO).

Resumo: Um fenômeno constatado aqui no Brasil e em outras partes do mundo tem levado o teatro a inúmeros contextos. Uma grande diversidade de práticas teatrais alarga o campo da *Pedagogia do Teatro* e exige que as pesquisas acadêmicas ampliem seus focos de interesse. A comunicação pretende refletir sobre a abrangência da área da pedagogia teatral, além de trazer para discussão o termo que ganha destaque internacional – *applied theatre/ teatro aplicado*. Publicações recentes, em língua inglesa, revelam que a busca pela compreensão da pluralidade de iniciativas, nomenclaturas, métodos etc. é compartilhada por pesquisadores também de outros países. Em vários lugares do mundo, a academia tenta responder, com maior ou menor agilidade, à emergência dessa grande diversidade de práticas.

Palavras-chave: teatro e comunidade, favela, teatro aplicado, pedagogia

Todo dia o teatro encontra um lugar diferente para acontecer. Um fenômeno evidente aqui no Brasil e também em outras partes do mundo tem levado esta arte aos mais variados contextos e ampliado o seu acesso a diversos segmentos da população. Uma grande diversidade de práticas teatrais cruza a fronteira das salas convencionais do teatro para alcançar e agir em outras esferas: como em projetos comunitários realizados nas periferias e favelas das grandes cidades; em ações na área da educação não formal, fora dos muros das escolas; nos hospitais, nas prisões; em ações patrocinadas por empresas ou nos projetos das organizações não governamentais (ONGs). Apesar de se tratar de um universo que cresce com grande velocidade, a reflexão teórica e crítica sobre este campo, entre nós, ainda é pouco sistematizada. Muito embora, recentemente, elas tenham começado a atrair a atenção do meio acadêmico e a despertar reflexões sobre o tema também aqui no Brasil.

O livro *Teatro e Dança como experiência comunitária*<sup>2</sup> revela o crescente interesse da universidade em discutir experiências artísticas em contextos comunitários. A publicação reúne textos de professores de diversas instituições brasileiras interessados em debater o tema. Nele, Márcia Pompeo Nogueira afirma que: “Apesar de muito praticadas,

---

<sup>1</sup> Os temas abordados neste texto estão aprofundados em minha tese de doutorado intitulada: *A favela como palco e personagem e o desafio da comunidade-sujeito*. Defendida em maio deste ano no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Resende (UNIRIO); Coorientadora: Profa. Dra. Márcia Pompeo Nogueira (UDESC).

<sup>2</sup> LIGIÉRO, Zeca; PEREIRA, Victor Adler; TELLES, Narciso. (Orgs.) *Teatro e dança como experiência comunitária*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

essas experiências artísticas comunitárias têm pouca visibilidade, pois estão fora dos holofotes do teatro comercial e acontecem em regiões periféricas.”<sup>3</sup>

No artigo *Dentro ou fora da escola?*<sup>4</sup>, Maria Lúcia Pupo reconhece a multiplicação das iniciativas no campo da educação não formal que tem levado o “fazer e fruir” teatral a espaços diversificados, além da escola:

Demandas de entidades as mais variadas, tanto ligadas à sociedade civil quanto às ONGs, quanto instituições ligadas ao poder público na área da cultura como é o caso de centros culturais, além de setores da área de saúde, constituem algumas das múltiplas esferas nas quais os processos de criação em teatro – e de modo mais abrangente, nas artes da cena – revelam uma área em plena expansão.<sup>5</sup>

Se antes as atenções do meio acadêmico estiveram mais voltadas para as experiências do teatro dentro da escola, hoje investigar a relação entre teatro e educação levando em consideração apenas esta perspectiva já não é mais suficiente. A constatação de que atualmente existem múltiplas esferas acolhendo as artes da cena redimensionou o campo de estudo que trata da relação teatro/educação e despertou entre professores e pesquisadores um debate sobre o uso de uma terminologia a ele mais adequada.

Em *Pedagogia do Teatro*<sup>6</sup>, Ingrid Koudela argumenta sobre a questão do uso de terminologias dentro da área de conhecimento que aborda as inter-relações entre o teatro e a educação; questão que, como aponta a autora, sempre gerou muitas polêmicas entre os estudiosos da área. De acordo com Koudela, aqui no Brasil o recente batismo do termo *Pedagogia do Teatro e Teatro na Educação* pelo grupo de trabalho da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (GT da ABRACE) buscou “incorporar as novas dimensões da pesquisa que vem sendo realizada na área.”<sup>7</sup>

Em *Cartografias do Ensino do Teatro*<sup>8</sup>, os professores Adilson Florentino e Narciso Telles sugerem a curiosa imagem de um caleidoscópio para ilustrar o universo cada vez mais plural desta área nomeada como *Pedagogia do Teatro*. O desafio de compreendê-la exige do observador a atitude de quem “olha” por meio de um caleidoscópio, que a cada “giro” ilumina um novo modo de ver, investigar, entender a área.

<sup>3</sup> NOGUEIRA, Márcia Pompeo. *Um olhar sobre o teatro e a dança como experiência comunitária*. In: *Teatro e dança como experiência comunitária*. Organização, Victor Hugo Adler Pereira, Zeca Ligiéro, Narciso Telles – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 8.

<sup>4</sup> PUPO, Maria Lúcia de Barros. *Dentro ou fora da escola?* In: URDIMENTO - Revista de Estudos em Artes Cênicas – Especial. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Teatro. – vol. 1, n.10 (dez, 2008) – Florianópolis: UDESC/CEART. Anual. P. 59.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p 59.

<sup>6</sup> KOUDELA, Ingrid Dormien. *Pedagogia do Teatro*. In: ANAIS do IV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas. (organização) Maria de Lourdes Rabetti. - Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. Tema: Os trabalhos e os dias das artes cênicas: ensinar, fazer e pesquisar dança e teatro e suas relações. p. 124.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p 124.

<sup>8</sup> FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

Estudos publicados em língua inglesa revelam que a tarefa de buscar uma compreensão sobre a pluralidade de nomenclaturas, abordagens, métodos, formulações teóricas e históricas é compartilhada por estudiosos também de outros países. Na Inglaterra, por exemplo, a literatura dedicada à área acolhe diversos termos e “modalidades teatrais” tais como: *performance comunitária*, *teatro para mudança social*, *teatro popular*, *teatro de intervenção*, *teatro para o desenvolvimento*, *teatro comunidade* e *teatro para solução de conflitos*.<sup>9</sup>

Mesmo que separadas por “categorias”, não é difícil identificar entre essas práticas algumas características comuns: todas acontecem longe do âmbito das salas tradicionais de espetáculo, além do território do *mainstream*, ou do *teatro comercial*; são iniciativas que levam o teatro a determinadas comunidades, que envolvem a participação de pessoas comuns, suas histórias, lugares, desejos, prioridades e que são motivadas pelo desejo político de transformar, por meio do teatro, realidades individuais e coletivas. Em recentes publicações, essas práticas foram reunidas num termo abrangente e inclusivo que vem ganhando destaque internacional – *applied theatre (teatro aplicado)*.

Embora durante os últimos anos pesquisadores tenham se dedicado à tarefa de procurar distinguir cada um desses segmentos e práticas interdisciplinares, híbridas, hoje, a necessidade de estabelecer e conceituar divisões ou categorias vem sendo questionada. Tim Prentki opta por abordar o “universo” utilizando uma perspectiva mais abrangente e menos segmentária. Segundo ele o *teatro aplicado* inclui:

Um amplo leque de práticas teatrais e processos criativos que levam os participantes e as audiências além do teatro convencional e *mainstream* para o mundo de um teatro que responde a pessoas comuns, suas histórias, suas localidades e prioridades. O trabalho que acontece, quase sempre, em espaços informais, em lugares não teatrais, numa variedade de ambientes geográficos e sociais: escolas, rua, prisões, centros comunitários, conjuntos habitacionais, ou qualquer outro lugar que possa ser específico ou relevante aos interesses da comunidade.<sup>10</sup>

De acordo com o autor, o *teatro aplicado* funciona normalmente em contextos em que a obra criada, e apresentada, tem uma comunicação e impactos específicos para os seus participantes e plateias. Como observa Prentki, os ativistas do *teatro aplicado* são

<sup>9</sup> Alguns autores e títulos em destaque na área: EPSKAMP, Kees. *Theatre for Development. An introduction to context, applications and training*. London and New York: Zed Books, 2006. KERSHAW, Baz. *The politics of performance. Radical Theatre as cultural intervention*. London: Routledge, 1992. MDA, Zakes. *When people play people. Development communication through theatre*. London and New Jersey: Zed Books, 1993. NICHOLSON, Helen. *Applied Drama, the gift of theatre*. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2005. PRENTKI, Tim. *Popular Theatre in Political Culture*. Intellect Books, Bristol, UK, 2000. VAN ERVEN, Eugene. *Community Theatre*. Routledge: London and New York, 2001. TAYLOR, Philip. *Applied Theatre. Creating transformative encounters in the community*. Portsmouth, NH: Heinemann, 2003.

<sup>10</sup> PRENTKI, Tim and PRESTON, Sheila. *The Applied Theatre reader*. London and New York: Routledge, 2009. p.9. No livro, os editores incluem uma série de reflexões sobre iniciativas do *teatro aplicado* em várias partes do mundo.

motivados pela crença de que esta arte, vivenciada pelos participantes e assistida pelas plateias, pode fazer alguma diferença na maneira “como as pessoas interagem umas com as outras e com o mundo à sua volta. (...) Existe um desejo político declarado de usar os processos de teatro a serviço de uma mudança social e comunitária.”<sup>11</sup>

A escolha por um termo mais inclusivo indica a tendência desses estudos em se concentrar em conceitos que regem as práticas no campo, mais do que se dedicar às nuances entre elas. Aqui no Brasil, Márcia Pompeo Nogueira contribui com o debate acerca das nomenclaturas para o teatro em contextos comunitários. Em *Teatro em Comunidades: questões de terminologia*<sup>12</sup>, Nogueira reconhece que, embora seja vasto o leque de termos e definições, tudo indica que as práticas inseridas neste “tipo” de teatro possuam aspectos bastante comuns:

Trata-se de um teatro criado coletivamente, através da colaboração entre artistas e comunidades específicas. Os processos criativos têm sua origem e seu destino voltados para realidades vividas em comunidades de local ou de interesse. (...) Do meu ponto de vista podemos, no Brasil, chamar essas práticas de Teatro em Comunidades.<sup>13</sup>

A opção de Márcia Pompeo pelo termo *teatro em comunidades* deve-se ao fato de que aqui no Brasil parecem sobre os termos *artes aplicadas*, ou *teatro aplicado*, resquícios dos tempos da ditadura, quando: “A terminologia fazia parte das diretrizes curriculares das licenciaturas curtas em educação artística, propostas durante a ditadura militar.”<sup>14</sup> Mesmo assim, a autora admite que não há como ignorar o fato de que atualmente o termo esteja sendo reconhecido em todo o mundo. Por isso, apesar de traumas que ele possa ter suscitado em nosso passado, no momento em que é escolhido como referência internacional, parece-nos importante trazê-lo novamente à cena, agora com um novo significado.

Para Kees Epskamp existem intersessões entre as modalidades teatrais que povoam o universo do *teatro aplicado*, e que o que mais importa é identificar um “conceito denominador comum” capaz de abraçar todas as manifestações, como, sugere ele, o de *teatro participativo*.<sup>15</sup> De fato, o conceito comum a todas essas práticas, destacado com unanimidade na literatura do *teatro aplicado*, é o que garante às comunidades, a sua participação, colocando em primeiro plano o envolvimento delas no processo criativo.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p.9.

<sup>12</sup> NOGUEIRA, Márcia Pompeo. *Teatro em comunidades, questões de terminologia*. ANAIS do V Congresso da ABRACE, 2008. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vcongresso/progpedagogia.html> (arquivo pdf, p.1).

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p.4.

<sup>15</sup> EPSKAMP, Kees. *Theatre for Development. An introduction to context, applications and training*. London and New York: Zed Books, 2006. p.11.

É neste ponto que vale ressaltar a contribuição de Paulo Freire e Augusto Boal ao campo do *teatro aplicado*.<sup>16</sup> A presença dos brasileiros na trajetória do *teatro aplicado* é marcante por ter contribuído para a mudança de abordagem daqueles que são “de fora” em relação às comunidades “alvo” de suas atuações. Tanto nas ações pedagógicas, como nas ações teatrais, o que os dois pensadores defendem é uma atitude política que inclui as noções de diálogo, autonomia e participação. Esse tipo de abordagem, *dialógica*, orienta a prática e a teoria do *teatro aplicado*, constitui o seu alicerce.

*Aplicar* significa *empregar em alguém*; *aplicado* quer dizer *que se aplicou, que foi sobreposto*.<sup>17</sup> Como uma injeção que se aplica em alguém passivo, paciente. Curioso é o fato de que o termo *teatro aplicado* nos traga a imagem de algo que é *posto sob alguém*, enquanto que a sua teoria caminhe em sentido oposto, defendendo a ideia de um teatro *que surge de alguém*. As “doses” de teatro, quando aplicadas, surtirão efeitos positivos, transformadores, na medida em que as próprias comunidades se tornem as agentes de sua “cura”.

No momento em que o universo do *teatro aplicado* encontra-se em franca expansão, descobrindo a cada dia novos contextos para o acontecimento teatral, refletir sobre o *porquê*, sobre as *intenções* e *em quem* o teatro é *aplicado* torna-se uma tarefa importante; indispensável para quem acredita que deva ser garantido às comunidades o seu verdadeiro *protagonismo*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Marina Henriques. *A favela como palco e personagem e o desafio da comunidade-sujeito*. Tese de Doutorado. Defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UNIRIO. Maio de 2010. Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Resende (UNIRIO); Coorientadora: Profa. Dra. Márcia Pompeo Nogueira (UDESC).

EPSKAMP, Kees. *Theatre for Development. An introduction to context, applications and training*. London and New York: Zed Books, 2006.

FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Pedagogia do Teatro*. In: ANAIS do IV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas. (organização) Maria de Lourdes Rabetti. - Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

LIGIÉRO, Zeca; PEREIRA, Victor Adler; TELLES, Narciso. (Orgs.) *Teatro e dança como experiência comunitária*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

<sup>16</sup> Este assunto está aprofundado em minha tese de doutorado.

<sup>17</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Ed. Positivo, 2008. p.130.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. *Teatro em comunidades, questões de terminologia*. ANAIS do V Congresso da ABRACE, 2008. Disponível em:  
<http://www.portalabrace.org/vcongresso/progpedagogia.html> (arquivo pdf, p.1)

PRENTKI, Tim and PRESTON, Sheila. *The Applied Theatre reader*. London and New York: Routledge, 2009.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. *Dentro ou fora da escola? In: URDIMENTO - Revista de Estudos em Artes Cênicas – Especial*. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Teatro. – vol. 1, n.10 (dez, 2008) – Florianópolis: UDESC/CEART. Anual.